

PARAFRASEAMENTO

José Gaston Hilgert*

Preliminares

O parafraseamento é uma estratégia de construção textual que se situa entre as atividades de reformulação, por meio das quais novos enunciados remetem, no curso da fala, a enunciados anteriores, modificando-os parcial ou totalmente. Na medida em que buscam dar um tratamento lingüístico-discursivo a segmentos já formalmente instalados no texto falado, as paráfrases têm um *escopo retrospectivo*.

Assim como as outras atividades de reformulação — a repetição e a correção —, as paráfrases sempre implicam algum deslocamento de sentido, concorrendo para a progressividade textual.

1. A noção de paráfrase

Gülich e Kotschi (1987b, p. 30) afirmam que “parafrasear é, antes de mais nada, produzir um enunciado do tipo xRy , em que x e y são dois segmentos da estrutura proposicional do texto e onde R é uma relação semântica”. Essa relação que se estabelece entre x (EO — enunciado-origem) e y (ER — enunciado reformulador)¹ é de equivalência semântica, entendida como um *parentesco semântico* (Fuchs, 1994, p. 129), que pode manifestar-se em grau maior ou menor, nunca, porém, como uma equivalência semântica absoluta (cf. item 3.3), como mostra esta passagem:

* Universidade de Passo Fundo.

¹ Na seqüência deste texto, o enunciado-origem (EO) e o enunciado-reformulador (ER) da relação parafrástica serão respectivamente denominados de *matriz (m)* e *paráfrase (p)*.

- (1)
 L2 – ah sobre o problema da:: dos métodos de ensino atualmente entende?
 L1 – uhn uhn
 m L2 – parece que () está havendo agora uma maior participação entende?
 p está havendo aquele ... de fato o trabalho em grupo

(D2 SP 62: 423-28)

Fica explícita a relação de equivalência semântica entre a matriz e a paráfrase. A paráfrase, porém, é semanticamente menos abrangente, na medida em que confere denominação específica — *trabalho em grupo* — ao que a matriz apresenta, em termos genéricos, como *uma maior participação do aluno*.

Além da relação de equivalência semântica entre dois enunciados para caracterizar uma operação parafrástica, Güllich e Kotschi (1983) estabelecem ainda o critério da *predicação de identidade*, conceito que eles emprestam de Mortureux (1982, pp. 307-8): “Nesta ótica, não é somente a existência de uma equivalência semântica entre dois enunciados que é levada em consideração, mas também e sobretudo o ato de uma ‘predicação de identidade’: dois enunciados são produzidos e encadeados de tal maneira que devem e podem ser compreendidos como ‘idênticos’”.

As relações semânticas de equivalência não são simplesmente dadas pela estrutura proposicional da matriz e da paráfrase, ou mesmo estabelecidas por força de um deslocamento semântico estático, pré-definido e constante. Ao contrário, elas são declaradas (predicadas) pelo enunciador a cada momento da evolução interativa, para produzir as mais variadas modulações semânticas destinadas a assegurar a compreensão desejada e a levar a bom termo o ato da comunicação. Para Fuchs (1994, pp. 129-30), “não se trata de dizer se, sim ou não, dois enunciados são paráfrases um do outro, mas *em que condições interpretativas* eles poderão ser tratados como tais”.²

Veja-se este exemplo:

- (2)
 m L1 – e eu acho que me realizaria mais ... como orientadora do que como professora quer dizer a professora ela ... no fundo ela é uma orientadora ... porque:: quase sempre ela É procurada pelos alunos ... quando surgem os problemas não é?

² O destaque na citação é da própria autora.

- p então ... mas eu acho que um:: trabalho assim ... DE gabinete ... eu gostaria mais sabe?

(D2 SP 360: 1.239-45)

A relação de equivalência semântica entre *m* e *p* não decorre do que os enunciados informam isoladamente, fora de contexto, mas só se constrói no discurso, tornando-se reconhecível graças ao conhecimento extratextual, comum a ambos os interlocutores, de que o trabalho da orientadora em grande parte acontece dentro de um gabinete.

Em síntese, há duas concepções de paráfrase: uma estática e fechada; e outra dinâmica. De acordo com a primeira, enunciados estão em relação parafrástica na medida em que têm seu parentesco semântico determinado por um núcleo de sentido comum invariável; e, conforme a segunda, o caráter parafrástico entre enunciados resulta de “relações semânticas locais, do tipo associativo, construídas pelo jogo da interpretação”. Nessa perspectiva, “a paráfrase não é, em si mesma, uma propriedade de formulações linguísticas, mas o resultado de uma estratégia cognitivo-discursiva dos sujeitos” (Fuchs, 1994, pp. 130-31).

É essa segunda concepção de paráfrase que será considerada neste capítulo, por ajustar-se ao enfoque textual-interativo aqui assumido,³ ao levar em conta o fato de que o parafraseamento é uma estratégia de que se valem os interlocutores para produzirem dinamicamente referências textuais,⁴ levados pelos propósitos da ação interativa.

2. Marcadores discursivos parafrásticos

Para realizarem a predicação de identidade entre dois enunciados, os interlocutores podem recorrer a *marcadores discursivos*⁵ parafrásticos. O marcador anuncia que ao enunciado por ele introduzido deve ser atribuído um parentesco semântico com o enunciado de origem.

Restringindo-nos somente aos marcadores verbais, classificam-se eles em dois tipos:

³ Ver “Introdução”.

⁴ Ver parte 3, cap. 11.

⁵ Ver parte 4, cap. 12.

- a) os especializados, que, por seu próprio semantismo, estabelecem em todo e qualquer contexto uma relação de equivalência entre dois enunciados. São os marcadores parafrásticos específicos (*em outras palavras, como disse há pouco, como você falou*), denominados por Gülich e Kotschi (1987b, p. 46) de *marcadores fortes*;
- b) os não especializados, que, por sua significação lexical, não constituem um índice exclusivo de relação de equivalência (*então, quer dizer*) e, por isso, são chamados de *marcadores fracos* por esses mesmos autores.

Nos dois segmentos seguintes, vêm respectivamente exemplificados esses tipos de marcadores:

(3)

- Doc. – nessas assembléias que assuntos em geral são debatidos?
 m Inf. – *bom estas assembléias ... habitualmente ... elas tratam dos assuntos que dizem respeito ... aos associados ... como por exemplo ... a questão do: aumento do Piso salarial ... sabemos que a inflação ... reduz o poder ... aquisitivo do nosso povo ... então anualmente o governo ... estabelece ... os chamados reajustes ... salariais o governo por exemplo paga aos seus funcionários normalmente um reajuste salarial ... no mês de MARço ... onde ele estabelece critérios ... onde ele estabelece índices salariais ... baseados em cálculos que são feitos ... se não me engano pela Fundação Getúlio Vargas ... que é um órgão ... que por que é um órgão técnico ... que: ... normalmente ou habitualmente fornece subsídios ... a todas as entidades ... que a ela/ que a ele recorre ou que a ela recorre ... a fim de poder com isso levar adiante suas reivindicações ... junto à justiça do trabalho ...*
 p *então habitualmente nessas assembléias os associados tratam realmente como eu já disse ... das vantagens ... salariais*

(DID REC 131: 125-39)

(4)

- m L1 – *e eles baseados em:: ... em estatísticas em previsões eles podem mais ou menos saber como o indivíduo está se comportando ...*
 p L2 – *então eles têm um certo controle sobre você certo?*

(D2 SP 62: 310-13)

Em (3), é o sentido específico do marcador *como eu já disse* que anuncia, nesse contexto, a natureza parafrástica do enunciado no qual ele ocorre.

Já não é o que acontece em (4). Embora o *então*⁶ seja um dos marcadores parafrásticos mais recorrentes, sua significação lexical específica não implica reformulação, podendo introduzir, por exemplo, em muitos contextos, enunciados conclusivos. O marcador *quer dizer* também, com muita frequência, anuncia paráfrases. Não raramente, porém, ele funciona, do ponto de vista conversacional, como recurso para o enunciador imediatamente retomar a palavra, após o sinal do ouvinte, ou até para introduzir *correções*.⁷ Aliás, os marcadores fracos são reconhecidos como parafrásticos *a posteriori*, isto é, somente quando um certo grau de equivalência semântica tiver sido identificado entre o enunciado reformulador e o reformulado. Já os marcadores fortes, ao contrário, por terem inscrita a sua função específica na própria significação lexical, são parafrásticos *a priori*: não dependem da percepção do grau de equivalência semântica entre matriz e paráfrase para serem reconhecidos como tais.

Quando entre os enunciados da relação parafrástica se manifesta um alto grau de equivalência semântica, há uma tendência de os falantes não se valerem de marcadores parafrásticos verbais para predicarem a identidade. A própria equivalência semântica — associada a paralelismos sintáticos, recursos entonacionais ou paralingüísticos — entre matriz e paráfrase a realiza.

Na medida, porém, em que a equivalência semântica não é tão reconhecível, os marcadores parafrásticos verbais, como recursos de predicação de identidade, tornam-se até indispensáveis. Pode ocorrer o caso extremo de dois enunciados não possuírem, isoladamente considerados, nenhum traço de equivalência semântica, mas terem predicada sua relação parafrástica, em determinado momento do discurso, por obra do marcador que os conecta.

3. As paráfrases na construção do texto

No processo da construção do texto falado, diferentes aspectos do parafraseamento podem ser analisados. Focalizaremos quatro deles, por serem os mais recorrentes e, por isso, darem maior evidência às funções das paráfrases na progressiva construção do texto falado:

⁶ Ver parte 4, cap. 13.

⁷ Ver parte 3, cap. 7.

- a) a distribuição dos enunciados da relação parafrástica;
 b) a atuação dos interlocutores no ato de parafrasear;
 c) a semântica do fazer parafrástico;
 d) as relações entre movimentos semânticos e características formais e funcionais das paráfrases.

3.1 A distribuição dos enunciados da relação parafrástica

Nas relações parafrásticas, a paráfrase pode seguir imediatamente a matriz ou então manifestar-se mais adiante na evolução do texto, o que leva a distinguir *paráfrases adjacentes* de *paráfrases não-adjacentes*. Nestas, insere-se entre a paráfrase e o enunciado matriz um segmento textual de dimensão variada. Expressões ratificadoras ou breves tentativas frustradas de o interlocutor tomar o turno não são, contudo, consideradas segmentos inseridos.

Analisemos as relações parafrásticas assinaladas nesta seqüência conversacional:

(5)

- L2 – enquanto nã/não for ser resolvido
 m1 *esse projeto*
 p1/m2 *o projeto que tem ... sabe? para os procuradores*
 p2/m3 *uma lei ... nossa*
 p3 *uma regulamentação nossa*
 L1 – sei
 L2 – e isso:: éh significa um aumento de vencimentos ... e:: além de que ... da/ dentro do aumento de vencimentos haveria ... uma promoção em todo o pessoal que está agora ...
 L1 – certo
 L2 – (porque) o:: pessoal que está agora começa com vinte a:: e vinte bê:: e assim vai indo
 []
 L1 – certo
 L2 – então todos esses ... a partir de vinte a vinte bê ...
 m4 *que é o nível ... atualmente mais baixo ... stá?*
 p4 *são os soldados vasos como a gente conta*
 L1 – uhn
 L2 – eles passariam para nível dois ...
 L1 – certo

m5 L2 – e aí aí aí então aí abri / a ... abriria ... mais vagas

L1 – certo

p5 L2 – quer dizer então que nessa altura se formariam mais ou menos umas mil vagas que seriam ... seria o concurso para as cem vagas que entraria o pessoal novo como nível um ...

L1 – certo então enquanto não ...

L2 – então é

L1 – for ...

[]

L2 – (porque se) não tem vagas

[]

L1 – estruturado esse projeto
 m6 L2 – não há há possibil/ não não pode ser feito concurso porque não tem vagas

L1 – certo

L2 – do pessoal que está sendo promovido ... por semestre que seria a promoção normal ... de qualquer funcionário ... ah não não há vinte vagas ainda ...

p6 L1 – ah:: então não tem como

[]

L2 – então não pode ser feito um concurso ...

L1 – para apenas ...

[]

L2 – porque significa

L1 – preencherem (#)

[]

L2 – um con/concurso bem grande ... para o preenchimento de vinte vagas ... (quer dizer) então enquanto não for ... não houver es/esse projeto resolvido para o pessoal ter essa promoção para poder ... ser aberto mais rápido não terá concurso

(D2 SP 360: 519-64)

A relação $m1 > p1/m2 > p2/m3 > p3$ constitui um encadeamento de três relações parafrásticas com paráfrases adjacentes, as quais exercem, na constituição do texto, funções locais: com p1, o falante tenta explicar o que é *esse projeto*. A paráfrase, portanto, tem uma função explicativa, buscando o falante, por meio dela, garantir ao ouvinte a compreensão do enunciado. Com esse mesmo objetivo, apresentam p2 e p3 uma denominação mais adequada e precisa respectivamente para m2 e m3. Idêntica função exerce a paráfrase adjacente na relação $m4 > p4$. Em $m5 > p5$, a paráfrase adjacente tem a função de informar com mais precisão: a informação-núcleo da matriz — *mais vagas* — vem explicitada, na paráfrase, por meio da aproximação numérica *mais ou menos umas mil vagas*.

Também é essa a função da paráfrase adjacente na relação m6 > p6: a afirmação *não tem vagas* (m6) é retomada por *não não há vinte vagas ainda ...* (p6). Considerem-se agora as seguintes relações da seqüência conversacional acima:

- (6)
 m7 L2 – *não há possibilidade não não pode ser feito concurso porque não tem vagas*
 L1 – certo
 L2 – *do pessoal que está sendo promovido ... por semestre que seria a promoção normal ... de qualquer funcionário ... ah não há vinte vagas ainda ...*
 L1 – ah:: então não tem como [...] para apenas ... [...] preencherem (#)
 p7 L2 – *então não pode ser feito um concurso ... [...] porque significa [...] um con/concurso bem grande ... para o preenchimento de vinte vagas*
 (D2 SP 360: 548-61)

Nesse segmento, na relação m7 > p7, a paráfrase é não-adjacente. Ela é provocada por L1, quando toma a iniciativa de resumir ou concluir o *tópico discursivo*⁸ (a impossibilidade de fazer concurso por falta de vagas) desenvolvido por L2 em m7. Este, porém, não deixa o interlocutor concluir o seu turno. Interrompe-o em (#), e L2 mesmo, por meio de uma autoparáfrase, faz a síntese e a conclusão do tópico.

- (7)
 m8 L2 – *enquanto não não for ser resolvido esse projeto o projeto que tem ... sabe? para os procuradores uma lei ... nossa uma regulamentação nossa*
 L1 – sei
 L2 – e isso:: eh significa um aumento de vencimentos ... e e:: além de que ... da/dentro do aumento de vencimentos haveria ... uma promoção em todo o pessoal que está agora ... (#)
 L1 – certo
 L2 – (porque) o:: pessoal que está agora começa com vinte a:: e vinte bê:: e assim vai indo
 []
 L1 – certo
 L2 – então todos esses ... a partir de vinte a vinte bê ... que é o nível ... atualmente mais baixo ... tá? são os soldados rasos como a gente conta
 L1 – uhn
 L2 – eles passariam para nível dois ...

⁸ Ver parte 2, cap. 3.

- L1 – certo
 L2 – e aí aí aí então aí abri / a ... abriria ... mais vagas
 L1 – certo
 L2 – quer dizer então que nessa altura se formariam mais ou menos uma cem vagas que seriam ... seria o concurso para as cem vagas que entraria o pessoal novo como nível um ...
 p8/m9 L1 – *certo então enquanto não ... [...] for ... [...] estruturado esse projeto*
 L2 – *não há possibilidade não não pode ser feito concurso porque não tem vagas*
 L1 – certo
 L2 – do pessoal que está sendo promovido ...
 L1 – ()
 L2 – por semestre que seria a promoção normal ... de qualquer funcionário ... ah não há vinte vagas ainda ...
 L1 – ah:: então não tem como
 []
 L2 – então não pode ser feito um concurso ...
 L1 – para apenas ...
 []
 L2 – porque significa
 L1 – preencherem (#)
 L2 – um con/concurso bem grande ... para o preenchimento de vinte vagas ...
 p9 *(quer dizer) então enquanto não for ... não houver esse projeto resolvido para o pessoal ter essa promoção para poder ... ser aberto mais rápido não terá concurso*
 (D2 SP 360: 519-64)

No segmento (7), a relação m8 > p8/m9 > p9 constitui um encadeamento de paráfrases também não-adjacentes. O tópico discursivo da seqüência em análise é aberto por m8. Seguem-se considerações dispersivas sobre as implicações decorrentes da falta de regulamentação para a carreira dos promotores. Com p8, L1 retorna ao tópico geral, tentando concluí-lo. L2, porém, se apressa em tomar o turno, dando continuidade ao que L1 iniciara. Finalmente, essa fala de L1 complementada pela intervenção de L2 constitui m9, que é parafraseada em p9, fechando-se, assim, o tópico.

3.1.1 Funções das paráfrases adjacentes e das não-adjacentes

A pertinência da classificação das paráfrases em adjacentes e não-adjacentes está nas funções distintas que umas e outras exercem na construção do tex-

to. A análise dos exemplos (5) a (7) revela que as paráfrases adjacentes e as não-adjacentes atuam em planos diferentes da estruturação textual, exercendo, em cada um deles, funções variadas.

As paráfrases não-adjacentes tecem a macroestrutura de um tópico conversacional, na medida em que mantêm a *centração tópica*,⁹ demarcam diferentes etapas do desenvolvimento do tópico; e, geralmente por meio de paráfrases resumidoras, lhe fazem o fechamento. Nesse sentido, a paráfrase não-adjacente concorre para a coesão tópica e, ao mesmo tempo em que interrompe uma evolução dispersiva e até desviante do tópico, a este assegura um desdobramento coerente.

As paráfrases adjacentes intervêm na microestruturação textual. Encadeadas ou não, na maior parte de suas ocorrências elas realizam a aproximação lexical no processo de escolha do termo mais adequado para os propósitos comunicativos do falante. A aproximação lexical acontece por meio de deslocamentos semânticos, na passagem da matriz para a paráfrase, que podem consistir, por exemplo, na definição de um termo conceitualmente mais adequado ao contexto; na substituição de um termo de uso comum por outro de uso especializado ou vice-versa; na desambigüização de um termo potencialmente polissêmico; na passagem de um hiperônimo para um hipônimo; num fazer denominativo; num fazer explicativo. Se a relação parafrástica for constituída de enunciados mais longos, predominam as funções explicativa, precisadora, informadora, definidora e exemplificadora da paráfrase (cf. item 3.3). Esses deslocamentos semânticos na relação parafrástica dão evidência a um princípio de movimentação do geral para o específico, do vago e impreciso para o preciso, do aberto para o fechado.

3.2 A atuação dos interlocutores na atividade parafrástica

Focalizando a atuação dos falantes no ato de parafrasear, dois aspectos se revelam: a realização da paráfrase em si e a iniciativa de seu desencadeamento.

Considerem-se dois falantes em interação: L1 e L2. Do ponto de vista da realização parafrástica, se qualquer um deles parafrasear o seu próprio enunciado, produzirá uma *autoparáfrase*; se um deles parafrasear o enunciado do outro, produzirá uma *heteroparáfrase*.

⁹ Ver parte 2, cap. 3.

No que se refere ao desencadeamento parafrástico, se a iniciativa for do falante que produziu a paráfrase, identifica-se uma *paráfrase auto-iniciada*; mas, se o ouvinte provocar a paráfrase produzida pelo falante, está-se diante de uma *paráfrase heteroiniciada*.

Esses dois aspectos da atividade parafrástica combinados levam ao seguinte quadro classificatório:

- a) autoparáfrases auto-iniciadas — L1 parafraseia L1 por iniciativa de L1;
- b) autoparáfrases heteroiniciadas — L1 parafraseia L1 por iniciativa de L2;
- c) heteroparáfrases auto-iniciadas — L1 é parafraseado por L2 por iniciativa de L2;
- d) heteroparáfrases heteroiniciadas — L1 é parafraseado por L2 por iniciativa de L1.

Analisemos cada uma dessas manifestações parafrásticas em passagens conversacionais.

3.2.1 Autoparáfrases auto-iniciadas

- (8)
- L2 — eu acho até que o sujeito ... entra para o Mobral ... aprende a ler para depois ler Notícias Populares
- m1 — antes ... não tivesse feito o Mobral ... *porque representa na minha opinião ... uma deformação entende?*
- p1/m2 — *representa assim o agravamento de um estado assim de marginalização da pessoa ... ela ser inserida naquele mundo de violência e sexo que é desenvolvido por um jornal como Notícias Populares, e: ... e numa total ... ausência entende? de integração dentro dos grandes problemas da sociedade ... dos grandes valores entende?*
- p2/m3 — *quer dizer ele entra assim numa numa linha marginal que poderá levá-lo até mesmo à criminalidade ...*
- p3 — *quer dizer ... ele poderá entrar numa linha de ... de ... integração vamos dizer dentro da violência ... dentro da ... ahm que em vez de formá-lo ... em vez de trazê-lo para a comunhão na sociedade ... o desvia disso ...*
- (D2 SP 255: 1.012-27)

Esse tópico se desenvolve num encadeamento parafrástico: em m1 > p1, a paráfrase explícita o sentido de *deformação*; em m2 > p2, ela faz uma sín-

tese dessa explicitação; em m3 > p3, finalmente, ela volta a explicitar a idéia de *levar à criminalidade*. Verifica-se, portanto, na construção desse tópico, uma forma de elasticidade discursiva, na medida em que, por meio do parafraseamento, se procede a um movimento semântico que vai do sintético ao analítico, do analítico ao sintético e, novamente, do sintético ao analítico.

Na passagem em análise, pelo fato de o falante (L2) mesmo parafrasear seus enunciados (matrizes) e fazê-lo por própria iniciativa, todas as paráfrases são autoparáfrases auto-iniciadas.

As autoparáfrases auto-iniciadas constituem a forma mais comum de parafraseamento nos dados do *corpus* desta gramática.¹⁰ Essa preferência é ainda maior em interações com turnos longos e com pouca ou nenhuma marcação com sinais do ouvinte, como mostra a passagem acima. A ausência de *feedback*,¹¹ seja pela ausência de sinais do ouvinte ou de sinalização mímico-gestual, priva o falante da certeza de estar sendo compreendido e de assim ver alcançados seus propósitos comunicativos. Essa insegurança se reflete num texto mais denso de auto-reformulações auto-iniciadas, particularmente de paráfrases.

3.2.2 Autoparáfrases heteroiniciadas

(9)

m1 L2 – você vê né? o mundo quer que nós conservemos ... a ... Amazônia para controlar a poluição mundial ... que que você acha disso?

L1 – não entendi bem a pergunta ...

p1 L2 – o mundo aí o: naquela:: ... última exposição que houve agora aí -- nosso ministro do Interior foi representando -- eles não querem que devastem as áreas amazônicas ... devido às:: vastas florestas tudo por causa da poluição ... você acha que seria justo nós conservarmos aquilo o::u

(D2 SP 62: 183-92)

Em p1, L2 parafraseia seu próprio enunciado m1, mas por iniciativa de L1, que desencadeia o parafraseamento, ao confessar que não entendeu a pergunta de L2. Este, em consequência, retoma o seu enunciado e reformula-o, a fim de garantir que o ouvinte o compreenda, e a interação comunicativa seja levada a bom termo. Trata-se, portanto, de uma autoparáfrase heteroiniciada.

¹⁰ Gaulmyn (1987, pp. 87-88) e Gülich e Koschi (1987a, p. 230; 1987b, p. 51) registram a mesma tendência nos dados que pesquisaram.

¹¹ Ver parte 4, cap. 14.

Paráfrases desse tipo podem ser desencadeadas de diferentes maneiras. Tomando a estrutura interacional do segmento acima como referência, as mais recorrentes, nos textos analisados, são estas:

- L1 confessa que não entendeu o enunciado de L2, o que desencadeia por parte deste a reformulação parafrástica (é o caso acima analisado);
- L1 sugere uma formulação mais adequada ao enunciado de L2, o qual, aceitando-a, reformula seu enunciado inicial;
- L1 deixa de responder a uma pergunta de L2, que, então, a reformula, com base na inferência de que o silêncio do interlocutor é um sinal de este não ter compreendido a primeira formulação da pergunta.

Seja qual for a técnica de desencadeamento da paráfrase, fica evidente que a função explícita das autoparáfrases heteroiniciadas é assegurar ao ouvinte a compreensão do enunciado matriz. Visando a esse objetivo, a paráfrase, comparada com a matriz, tende a ser mais complexa do ponto de vista sintático-lexical e a ter caráter explicativo, incorporando, não raras vezes, exemplificações.

3.2.3 Heteroparáfrases auto-iniciadas

(10)

m1 L2 – então sem êh:: ... o paulistano é mais fechado mesmo eu acho que:: uma das influências seria a natureza e o nosso próprio clima entende?

p1 L1 – é o clima tem realmente uma uma influência diREta no comportamento da pessoa inclusive nas atitudes

Rat L2 – certo ... e que que você acha dessa polui/poliuição que tanto falam ... que vão controlar vão fazer isso vão criar a área metropolitana o que que você acha?

(D2 SP 62: 170-76)

Na relação m1 > p1, L1, por sua própria iniciativa, parafraseia o enunciado inicial de seu interlocutor L2. Dessa forma, L1 produz uma heteroparáfrase auto-iniciada.

A passagem acima revela marcas que, com grande frequência, caracterizam relações heteroparafrásticas auto-iniciadas: o marcador discursivo *é*, que introduz a reformulação parafrástica, e o *certo*, por meio do qual L2 ratifica o enunciado de L1. Introduzem comumente paráfrases desse tipo marcadores como *é*, *certo*, *exatamente*, *isso*, *exatamente isso*, *é isso*. As mesmas for-

mas são usadas como recursos de ratificação, a qual também é feita pela repetição total ou parcial do enunciado parafrástico.

Esses marcadores e recursos de ratificação põem em evidência as principais funções das heteroparáfrases auto-iniciadas: assegurar a intercompreensão entre os interlocutores e estimular a solidariedade discursiva entre eles. Vejamos como essas funções se revelam no segmento (10): L1, ao parafrasear L2, mostra-lhe, explicitamente, se e como compreendeu sua fala. Tal procedimento permite a L2 certificar-se de que a interação em andamento está sendo bem-sucedida, fato que o leva a ratificar os termos da parafrase. Permite-lhe também fazer as correções necessárias, caso a retomada parafrástica revele recepção equivocada de L1.

Além disso, ao mesmo tempo em que traduz a compreensão desejada ou aceita por L2, a parafrase revela a sintonia de L1 com o desenvolvimento discursivo de seu interlocutor. Esse fato enseja que L2 prossiga com a enunciação, seja continuando o mesmo tópico, seja introduzindo um novo, uma vez que encontra em L1 um ouvinte colaborativo e atento. "O interlocutor, cujo enunciado é parafraseado, percebe que sua idéia é acolhida e nisso sentirá, em muitos casos, um convite a precisá-la, diferenciá-la, corrigi-la ou completá-la mais uma vez" (Wahmhoff, 1981, p. 103). Cabe, portanto, às heteroparáfrases auto-iniciadas, por força da solidariedade discursiva que traduzem, a função de também estimular a produção textual.

3.2.4 Heteroparáfrases heteroiniciadas

(11)

Doc. – e:: além desses jantares dançantes as festas a senhora vai a alguma outra festividade?

|

Inf. – ah:: também () ... quando (tenho que ir) ... sempre é em função dessa socieDAde que meu marido está já está há dez anos ... assim:: na diretoria ... uma vez ele era resouREtro ... outra vez vice-presidente outra:: agora ele é:: ... eu disse vice-presidente ainda agora né? mas não vice-presidente é outro ... ele FOI no ano passado ...

m1 *ele é:: como é que se diz a pessoa que cuida do CLUbe ... que toma:: não é ecônomo é o que toma conta assim do:: ... dessa parte:: que ele tem que cuidar da das Obras tudo*

p1 Doc. – *diretor patrimonial*

Inf. – di/diretor:: do patrimônio ... é isso ... né?

(DID POA 45: 93-108)

No enunciado matriz da relação $m1 > p1$, à Informante não ocorre o termo que denomina a função que seu marido exerce no clube. Dizendo o que ele não é e o que faz, e perguntando *como é que se diz a pessoa que cuida do CLUbe?*, a Informante está explicitamente solicitando a colaboração do ouvinte para concluir o seu enunciado. O Documentador propõe, então, a denominação *diretor patrimonial*, que é aceita pronta e explicitamente pelo interlocutor.

A intervenção do Documentador pode ser identificada como uma parafrase denominadora do conjunto de informações apresentadas sobre a função exercida pelo marido. Como a parafrase realizada pelo Documentador foi explicitamente desencadeada pelo Informante, tem-se, no caso, uma heteroparáfrase heteroiniciada.

Esse tipo de parafrase, portanto, costuma ocorrer em contextos em que o falante se depara com problemas de denominação. Em seu turno desenvolve todo um procedimento metadiscursivo, em que deixa explícito o seu problema e sua tentativa de buscar uma solução ou até apela verbalmente para o ouvinte que lhe sugira uma alternativa de formulação.

Sobre a determinação interacional das atividades parafrásticas, constata-se que, enquanto as autoparáfrases auto-iniciadas, embora tenham funções pragmáticas, não resultam de determinações interacionais diretas, as demais parafrases envolvem necessária e explicitamente ambos os interlocutores, seja na realização parafrástica, seja em seu desencadeamento.

3.3 A semântica das relações parafrásticas

Definimos, acima, a noção de parafrase, dizendo que um enunciado p é parafrase de um enunciado m , quando o primeiro mantiver com este uma relação de equivalência semântica, definida como "parentesco semântico". Dissemos também que essa relação não é simplesmente dada pela estrutura proposicional entre m e p , nem estabelecida por movimento semântico predefinido e constante, mas, sim, que resulta de uma *predicação de identidade* entre m e p . Em outras palavras, um enunciado é declarado parafrase de outro por força das contingências interpretativas de ambos num dado momento da evolução interativa. Mesmo que, lingüisticamente, nenhum parentesco semântico seja

reconhecível entre dois enunciados, discursivamente ele pode ser predicado por força de um marcador parafrástico verbal, dentro de um contexto de conhecimentos extratextuais prévios comuns aos interlocutores. A necessidade de um marcador discursivo anunciar uma paráfrase é tanto maior quanto menor for a possibilidade de reconhecer um parentesco semântico entre dois enunciados. E, em sentido inverso, na medida em que os enunciados tiverem uma relação de parentesco semântico forte, é suficiente anunciar a natureza parafrástica de um enunciado por meio de mudanças entonacionais, paralelismos sintáticos e recursos paralingüísticos, dispensando, portanto, o marcador (cf. item 2).

Admitindo que a paráfrase mantém com o enunciado matriz um parentesco semântico, descarta-se a plena equivalência semântica entre os dois enunciados. O que há entre eles é um grau de equivalência, o qual pode estender-se de uma equivalência forte a uma equivalência fraca. Em qualquer caso, toda paráfrase determina uma progressão textual, gerando novos sentidos.

Para compreender melhor a noção de grau de equivalência semântica entre matriz e paráfrase, analisemos os seguintes segmentos conversacionais:

(12)

m1 L1 – *então a minha de onze anos ... ela supervisiona o trabalho dos cinco ... então ela vê se as gavetas estão em ordem! ... em ordem se o: material escolar já foi ref arrumado para o dia seguinte ... se nenhum:: fez:: arte demais no banheiro ... porque às vezes ... estão tomando banho e ficam jogando água pela janela*

p1 *quer dizer essa ... é supervisora nata*

(D2 SP 360: 192-99)

(13)

L1 – eu eu terei tempo disponível não que eu

m1 *deseje::: liberda:::de*

p1 *deseje eh eh estar assim sem obrigações para com as crianças ...*

mas é que daí eu terei tempo disponível para fazer coisas extras não é?

(D2 SP 360: 1.230-35)

(14)

m1 L1 – *e eu acho que me realizaria mais ... como orientadora do que como professora quer dizer a professora ela ... no fundo ela é uma orientadora ... porque:: quase sempre ela é procurada pelos alunos ... quando surgem os problemas não é?*

p1 *então ... mas eu acho que um:: trabalho assim ... DE gabinete ... eu gostaria mais sabe?*

(D2 SP 360: 1.239-45)

No segmento (12), a paráfrase p1 mantém uma grande identidade semântica com a matriz m1, estabelecendo um alto grau de parentesco semântico entre os dois componentes da relação. Sendo p1 quase uma repetição de m1, constata-se entre elas um grau de equivalência semântica forte.

Em (13), a base semântica comum entre m1 e p1 é menor. P1 somente atualiza uma possibilidade de significação de m1, na medida em que a noção de *liberdade* é limitada a *estar assim sem obrigações com as crianças*.

Em (14), a base semântica comum é muito reduzida, definindo, por isso, uma relação de equivalência semântica fraca. Somente é possível estabelecer uma relação parafrástica entre o trabalho de *orientadora* e um:: *trabalho assim... DE gabinete*, isto é, a equivalência entre esses componentes da relação só é reconhecível graças ao conhecimento extratextual prévio, comum a ambos os interlocutores, de que o trabalho da orientadora acontece dentro de um gabinete.

Do ponto de vista da abrangência semântica, portanto, a paráfrase é, em princípio, dissimétrica em relação à matriz, isto é, em função do contexto discursivo em que ela ocorre, os seus traços semânticos só em parte coincidem com os da matriz, formando com estes uma base semântica comum. O lexema *liberdade*, por exemplo, reúne todas as possibilidades de sentido atualizáveis em diferentes contextos de comunicação. O seu parafraseamento, em (13), se realiza na forma de uma *decomposição semântica*, isto é, apenas uma possibilidade de significação é considerada pertinente pelo falante, que a textualiza num segmento sintático-lexical mais complexo.

Movimento em sentido contrário verifica-se na passagem (15), abaixo, em que ocorre uma *recomposição semântica*, na medida em que as significações (*repouso integral* e *ausência da mobilidade de um ônibus*) da matriz estão, na paráfrase, contidas num único lexema (*estabilidade*) que as engloba.

(15)

m1 L2 – *no trem ... eu acho que há o repouso assim integral ... porque o trem não tem ... a mobilidade de um ônibus por exemplo que às vezes dificulta a leitura e cetera ...*

p1 *quer dizer o trem é mais estável ...*

(D2 SP 255: 243-46)

Em síntese, a decomposição e a recomposição semânticas atestam que o parafraseamento ativa um deslocamento de sentido entre o enunciado matriz e sua paráfrase.

4. Relações entre movimentos semânticos e características formais e funcionais das paráfrases

Se relacionarmos esses dois movimentos de deslocamento do sentido com as características formais dos enunciados da relação parafrástica, verificamos que, em princípio, a decomposição semântica se textualiza numa *expansão* sintático-lexical, e a recomposição semântica numa *redução* sintático-lexical, o que leva a distinguir, respectivamente, *paráfrases expansivas* de *paráfrases redutoras*. Mas, apesar desses movimentos semânticos, pode a paráfrase manter a mesma dimensão textual, isto é, a mesma estrutura sintática da matriz, havendo mudança somente em seus componentes lexicais. Por isso, Gülich e Kotschi (1987a, p. 240; 1987b, p. 40) denominam paráfrases desse tipo de *variações parafrásticas*. Em razão de seu paralelismo sintático com a matriz, elas serão aqui identificadas como *paráfrases simétricas*, denominação, aliás, que as distingue bem das paráfrases expansivas e redutoras, já que estas, pelo critério da estrutura sintático-lexical, são sempre assimétricas em relação à matriz.

4.1 A expansão parafrástica (paráfrases expansivas)

Observemos o seguinte segmento:

- (16)
- L2 – ah eu não sei ... acho que: eu ... sabe ... aí eu acho que o ... não mudou muita coisa ... se você pensar ... assim numa época em que ... por exemplo ... o trabalho era bem artesanal ... então você tinha um sapateiro: ((tosse)) (cocheiro) não sei que não sei que né? ... todo mundo
- m1 *muito em simbiose*
- p1 *muito dependendo um dos trabalhos dos outros ...*
- (D2 SP 343: 935-41)

O enunciado matriz *muito em simbiose* vem parafraseado por um enunciado lexical e sintaticamente mais complexo, caracterizando a expansão parafrástica.

É esse o tipo de ocorrência parafrástica mais comum nas falas analisadas.¹² Sua função mais freqüente é dar explicações definidoras, o que significa dizer que, quando o falante, na evolução do texto, se vê, por alguma razão, na necessidade de definir um termo ou uma expressão, o faz por meio de uma paráfrase definidora. É o que atestam os segmentos (16) e (19).

Gülich e Kotschi (1987a, p. 241; 1987b, p. 42) consideram explicações definidoras somente as paráfrases expansivas que definem conceitos abstratos mencionados nas matrizes. Nos casos em que a matriz não apresenta essa característica, a expansão parafrástica leva à precisão e à especificação das informações naquela contidas, cabendo-lhe então uma função explicitadora, conforme mostra este segmento:

- (17)
- L1 – então como ... é muito grande ... o número de pessoas você não pode ter ... essa avaliação pessoal ... então ficou falso ... a avaliação do indivíduo
- L2 – assim em termos gerais né? porque na hora de escolher ...
- m1 *teus amigos*
- p1 *tua: ... é ... assim as pessoas com quem você vai se relacionar*
isso entra né?
- (D2 SP 343: 1.152-57)

Nesse caso, a matriz não é constituída por um termo abstrato, e a paráfrase, portanto, não tem caráter definidor. Ela se restringe a explicitar (precisar) a referência *teus amigos*.

Em encadeamentos parafrásticos, manifestam-se, com freqüência, paráfrases em expansão crescente, o que se revela neste exemplo:

- (18)
- L1 – mas você não acredita assim ... num ...
- m1 *processo hereditário ()*
- p1/m2 *uma geração outra geração e outra geração ...*
- p2 *o que acontece com a primeira se não é repetida na segunda ... é na terceira*
- (D2 SP 343: 1.203-6)

Em relação a m1, p1 é um enunciado mais complexo do ponto de vista sintático-lexical. E, na passagem de m2 para p2, essa complexidade se acentua.

¹² Respaldam essa constatação os pontos de vista de Viehweger (1977, p. 266) e Agrícola (1979, p. 13) de que a paráfrase *stricto sensu* é de natureza expansiva.

Também têm natureza parafrástica as exemplificações que visem explicitar enunciados com informações genéticas ou sucintas (Gulich e Kotschi, 1987b, p. 40). O segmento seguinte registra um caso desses:

- (19)
 m1 L1 – então a minha de onze anos ... *ela supervisiona o trabalho dos cinco ...*
 p1 *então ela vê se as gavetas estão em ordl ... em ordem se o:: material escolar já foi relarrumado para o dia seguinte ... se nenhum:: fez:: arte demais no banheiro ...*
 (D2 SP 360: 192-97)

A forma que L1 encontrou para explicitar a função supervisora da menina de 11 anos foi a discriminação das atividades dela nesse serviço, a exemplificação, portanto.

4.2 A redução parafrástica (paráfrases redutoras)

Vejam agora o seguinte segmento:

- (20)
 m1 L2 – *mas é ... ahn ... com seis filhos em casa ... a programação do casal fica muito limitada assim realmente à vida da das crianças ... e a idade deles ainda não é uma idade de freqüentar teatro compreende? o próprio cinema para a gente tirar assim uma noite por semana é difícil porque ele envolve a vida da gente e é natural que aconteça isso ...*
 p1 *então nossas atividades ficam muito presas às atividades das crianças*
 (D2 SP 255: 441-48)

Fica muito evidente, nesse segmento, a redução sintático-lexical que ocorreu na passagem da matriz para a paráfrase, identificando-se uma paráfrase reduzida de função resumidora.

Neste outro trecho,

- (21)
 m1 L1 – e eles baseados em:: ... em estatísticas em previsões *eles podem mais ou menos saber como o indivíduo está se comportando ...*
 p1 L2 – *então eles têm um certo controle sobre você certo?*
 (D2 SP 62: 310-13)

a formulação analítica da matriz é retomada pelo interlocutor por meio da expressão *um certo controle*, também caracterizando uma paráfrase redutora, mas, nesse caso, com função *denominadora*. Resumir e denominar são, portanto, as duas funções mais comuns das paráfrases redutoras.

Anteriormente falamos da exemplificação como uma forma de expansão parafrástica. Os dados que analisamos também registram passagens, ainda que em número menor, em que uma exemplificação é resumida por meio de uma paráfrase redutora, como atesta este exemplo:

- (22)
 m1 L2 – *depois ainda tem que escovar dente para sair ... eh tem que cada um pegar sua lancheira o menino pega a pasta porque ele já tem lição de casa*
 p1 *quer dizer é uma corrida assim:: bárbara ...*
 (D2 SP 360: 327-30)

Ainda sobre o parafraseamento expansivo e redutor, cabe ressaltar que, em muitas passagens conversacionais, essas atividades se combinam e se complementam na composição do tópico. Analisemos essa integração no seguinte segmento:

- (23)
 L2 – eu acho até que o sujeito ... entra para o Mobral ... aprende a ler para depois ler *Notícias Populares*
 m1 *antes ... não tivesse feito o Mobral ... porque representa na minha opinião ... uma deformação entende?*
 p1/m2 *representa assim o agravamento de um estado assim de marginalização da pessoa ... ela ser inserida naquele mundo de violência e sexo que é desenvolvido por um jornal como Notícias Populares ... e:: ... e numa total ... ausência entende? de integração dentro dos grandes problemas da sociedade ... dos grandes valores entende?*
 p2/m3 *quer dizer ele entra assim numa numa linha marginal que poderá levá-lo até mesmo à criminalidade ...*
 p3 *quer dizer ... ele poderá entrar numa linha de ... de ... integração vamos dizer dentro da violência ... dentro da ... ah que em vez de formá-lo ... em vez de trazê-lo para a comunhão na sociedade ... o desVIA disso ...*
 (D2 SP 255: 1.012-27)

O falante L2, numa atividade de expansão, diz, em p1, o que entende por *deformação* (m1). A seguir, resume essa definição em p2 e, ao mesmo tempo,

acrescenta nova informação (*que poderá levá-lo até mesmo à criminalidade*), que enseja uma nova paráfrase expansiva (p3), com a qual explicita o enunciado m3.

Essas observações mostram que a expansão e a redução combinadas determinam a própria dinâmica evolutiva de textos e tópicos. Com efeito, na medida em que um enunciado demasiadamente sucinto ou genérico exige uma explicitação por meio de uma textualização expansiva, esta corre o risco de diluir a densidade temática com digressões não-pertinentes, determinando, então, o retorno ao núcleo temático por meio da redução. E assim, alternadamente, verdadeiros movimentos de "sístole" e "diástole" discursivos garantem a progressão textual.

4.3 A simetria parafrástica (paráfrases simétricas)

Nos quatro segmentos seguintes, há uma simetria sintática entre os enunciados das relações parafrásticas, o que enseja denominar as paráfrases de *paráfrases simétricas*.

(24)

L1 – então nesses termos ... a gente lamenta MUITO profundamente essa característica Comercial da televisão ... desvinculando aqueles verdadeiros objetivos ... que

m1 *seriam objetivos de educar ...*
 p1/m2 *seriam objetivos de aconselhar ...*
 p2 *seriam objetivos até mesmo de orientar ...*

(D2 SP 255: 600-5)

(25)

L2 – depois disso ainda tive

m1 *problemas de ... saúde*
 p1 *problemas de tireóide não sei quê::*

(D2 SP 360: 75-76)

(26)

L1 – uma delas ... uma *dé*/ ah uma das gêmeas ... quer ser

m1 *arquiteta ...*
 p1 *decoradora*

(D2 SP 360: 1.253-54)

(27)

L1 – então ... ahn eu não tenho NADA assim de pessoal CONTRA a televisão e nem ... nenhuma ... forma de restrição àqueles que se vêm escravizados pela televisão ... mas acho que ela não está cumprindo aquele serviço ... que realmente ... ahn se proporia a cumprir ...

m1 *ela é PAGA*
 p1 *ela é sustentada*
 m2 *pelo anúncio ...*
 p2 *pelo comercial ...*

(D2 SP 255: 590-96)

Apesar dessa simetria, essas paráfrases não deixam de traduzir os movimentos de decomposição e recomposição semânticas, particularmente o primeiro. Esse movimento fica bem evidente em (25), onde a paráfrase somente atualiza uma possibilidade de significação (*problemas de tireóide*) da expressão *problemas de saúde*. O mesmo é possível dizer da paráfrase p1, em (26), e p2, em (27): *decoradora* e *comercial* podem ser consideradas possibilidades significativas inscritas, respectivamente, em *arquiteta* e *anúncio*.

Raras são as ocorrências de recomposição semântica em paráfrases simétricas. A relação m1 > p1, do segmento (27), pode ser interpretada como tal: *sustentada* tem significação mais abrangente do que *paga*, podendo-se conceber *pagar* como uma forma de *sustentar*. Dessa maneira, na relação parafrástica em questão, há o movimento de um termo de significação específica para um de significação geral, estando neste inscrita a possibilidade de significação daquele.

As paráfrases simétricas são, em geral, atividades inerentes ao processo de seleção lexical na construção do texto falado. Por meio de uma paráfrase ou de um encadeamento parafrástico, o falante verbaliza *on-line* o trabalho de escolha lexical, expondo o seu trabalho ao ouvinte, que, como co-produtor do texto,¹³ não raras vezes o ajuda a definir a melhor formulação.

Nesse processo verifica-se uma gradativa aproximação lexical por meio de sucessivos deslocamentos semânticos da matriz para a paráfrase, com vistas a uma proposição lexical que mais precisamente atenda aos objetivos da comunicação. Em geral, esse deslocamento é orientado por um princípio de movimentação do genérico para o específico, do vago para o impreciso,

¹³ Ver parte 1, cap. 1.

do aberto para o fechado e até do "errado" para o "certo" (no caso de correções parafrásticas). Algumas vezes ele responde a uma necessidade de adequação vocabular ou de precisão terminológica. E, não raras vezes, como parece ser o caso do segmento (24), as parafrases simétricas somam-se à matriz para, em conjunto, expressarem um conceito apropriado aos propósitos do falante, num dado momento da interação.

A abordagem que relaciona os movimentos semânticos entre matriz e parafrase com a sua formulação sintático-lexical e com funções gerais correspondentes pode ser resumida neste quadro:

Movimentos semânticos	Formulação sintático-lexical	Tipos de parafrase	Funções gerais
Decomposição semântica →	Expansão parafrástica →	Parafrases expansivas →	Definir ou explicitar
Recomposição semântica →	Redução parafrástica →	Parafrases redutoras →	Denominar ou resumir

Ou seja, a decomposição semântica (especificação) da matriz se textualiza por meio de uma parafrase expansiva, para responder a uma necessidade definidora ou explicitadora; já a recomposição semântica (generalização) da matriz ocorre por meio de uma parafrase redutora, para atender a uma necessidade denominadora ou resumidora.

No que respeita às funções das parafrases, cabe insistir em que as mencionadas têm efetivamente caráter geral. A função específica de cada atividade parafrástica — seja para definir e explicitar, seja para resumir e denominar — é definida pelo motivo que leva um interlocutor, em determinado momento da interação, a valer-se dessa estratégia discursiva.

5. Considerações finais

A atividade de parafrasear é uma das estratégias mais recorrentes e evidentes na progressão do texto falado.

Como a relação parafrástica existente entre dois enunciados subseqüentes não resulta de seus semantismos específicos, mas, sim, da predicação de uma identidade semântica entre parafrase e matriz no decurso da enunciação, a possibilidade de parafrasear um enunciado decorre, portanto, das contingências *bic et nunc* de um certo momento da evolução da fala. Embora essas contingên-

cias possam, em diferentes momentos, ser de ordem variada — como a necessidade de organizar a macro e a microestrutura do texto, de controlar a coerência de seu desenvolvimento, de assegurar a compreensão entre os interlocutores —, todas elas, em última instância, confluem para a contingência essencial que determina a própria vida do discurso: o ininterrupto processo de produção do sentido.